

Mãos na terra: Unindo educação e agricultura.

Hands on land: Joining education and agriculture.

Thaiany D Avila Rosa¹, Thaís D Avila Rosa², Adriani Ramos Calderipe³,
Michele Telles Baptista⁴, Andressa Martins Pereira⁵

Resumo: Esse trabalho teve como objetivo atrelar o contato dos alunos com agricultura vinculada a atividades pedagógicas referentes ao assunto, para tanto, foram desenvolvidas cinco etapas de atividades referentes à educação juntamente à agricultura em turmas de educação infantil de uma escola privada. As atividades foram compostas de sementeiras de hortaliças mais adaptadas ao local e ao clima, trabalhando além de aprendizado sobre alimentos saudáveis e sua utilização, a conscientização sobre o uso de materiais recicláveis. As etapas englobaram desde a escolha do local, manejo de solo e cultura, preparo de viveiro para a sementeira através do uso de cascas de ovos, até atividades desenvolvidas em sala de aula sobre a aprendizagem que os alunos tiveram. Os alunos puderam ter contato com a terra, sementes bem como, discussões sobre o melhor manejo dessas culturas, como por exemplo, melhor forma de irrigação, luz necessária para cultura, e cuidado com a produção. Ao final os alunos e a escola utilizaram as culturas para consumo, na própria escola.

Palavras-chave: Educação infantil, agronomia, aprendizagem.

Abstract: *This work had the objective of linking the students with agriculture linked to pedagogical activities related to the subject. For this purpose, five stages of activities related to education were developed along with agriculture in a kindergarten classes of a private school. The activities consisted of planting crops more adapted to the place and the climate, working in addition to learning about healthy foods and their use, awareness about the use of recyclable materials. The stages ranged from site selection, soil and crop management, nursery preparation to sowing through the use of eggshells, to classroom activities about the learning the students had. The students were able to have contact with the land, seeds as well as discussions about*

¹Graduada em Licenciatura em Pedagogia e Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

²Engenheira Agrônoma Mestre em Fitossanidade e Doutoranda pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

³Graduada em Licenciatura em Pedagogia e Especialista em Orientação Educacional pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

⁴Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

⁵Graduada em Análise e desenvolvimento de sistemas pelo Senac de Pelotas/RS.

the best management of these crops, such as better irrigation, light needed for cultivation, and careful production. In the end the students and the school used the crops for consumption, in the school itself.

Keywords: *child education, agronomy, learning.*

Introdução

Proveniente de um projeto intitulado “MÃOS NA TERRA”, esse trabalho veio com o propósito de ratificar a importância desde a educação infantil o contato das crianças com a terra e com o conhecimento de onde provem alguns dos nossos alimentos. Este projeto foi desenvolvido com alunos de uma Escola Privada de Educação Infantil com idades de dois a cinco anos na cidade de Pelotas.

O objetivo deste projeto é inicialmente estimular e desenvolver a curiosidade dos alunos desde muito pequenos sobre a importância da origem dos alimentos e o quão são fundamentais para o nosso desenvolvimento, ocorrendo através do contato real dos alunos com as práticas realizadas durante o seu processo de aprendizagem.

Para além dessas importâncias, o contato com a terra, propondo a alguns o primeiro contato com a terra e para aqueles que já possuíam novas aprendizagens e conhecimentos. Estimulando o trabalho em cooperação, explorando novos conhecimentos e estímulos sobre práticas do consumo alimentos saudáveis, bem como educação ambiental, com foco em alimentos orgânicos produzidos dentro da escola.

Este projeto ocorrendo através da parceria de uma Engenheira Agrônoma, juntamente, com as professoras Pedagogas da escola. Assim, com o auxílio de duas professoras das respectivas salas de aulas, sendo uma com alunos de dois e três anos e a outra com alunos de quatro e cinco anos, foram desenvolvidas atividades práticas e teóricas. Como aulas práticas, a oportunidade das crianças colocarem “as mãos na terra”, sendo que algumas já puderam ter este contato anteriormente, mas

¹Graduada em Licenciatura em Pedagogia e Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

²Engenheira Agrônoma Mestre em Fitossanidade e Doutoranda pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

³Graduada em Licenciatura em Pedagogia e Especialista em Orientação Educacional pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). ⁴Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

⁵Graduada em Análise e desenvolvimento de sistemas pelo Senac de Pelotas/RS.

outras ainda não, estimulando então a sensibilidade, as descobertas de onde vêm os alimentos, qual a origem deles e claro, com discussões que aconteciam durante o processo da prática.

Na parte teórica, aconteceu em parceria com as professoras titulares de cada turma. Desenvolvendo atividades de estimulação, discussões, aprendizagens concomitantes aos acontecimentos decorrentes da prática.

Os autores que embasam este trabalho é Tardif (2002), trazendo apontamentos do cotidiano dos professores e a prática dentro da escola, através de seus pares, neste caso, indo para além dos pares dentro da escola, mas em conjunto com outros pares.

Outro autor é Ausubel (1980), embasando a teoria da aprendizagem, que segundo o autor, é necessário que o aluno tenha a pré-disposição para aprender, e que já possua um conhecimento prévio sobre o assunto, para que assim possa realizar links sobre os novos conhecimentos adquiridos.

Garcia (1995), com seus estudos sobre a formação do professor que passa por três processos, sendo o da *autoformação*, *heteroformação* e a *interformação*. Estes estudos foram fundamentais para que pudéssemos compreender a importância da formação dos professores para que as etapas de atividades ocorressem.

Outros autores, também como Perrenoud (2000), com a aprendizagem dos alunos e Freire (1997), com a aprendizagem entre alunos e professores.

Metodologia

Este projeto foi executado em uma Escola de Educação Infantil, privada, localizada na cidade de Pelotas. Foi realizada com oito alunos, com idades de dois a cinco anos, onde eram divididos em duas turmas. Esta divisão das turmas ocorreu, pois, eram separadas entre alunos de dois e três anos, no maternal e quatro a cinco no pré 1.

Para a execução, contaram com a disponibilidade da diretora, no empréstimo da escola, duas professoras, Pedagogas, responsáveis pelas turmas, e uma Engenheira Agrônoma, para a realização das atividades práticas, contendo conhecimentos específicos sobre cada cultura e espécie das sementes.

Dessa forma, foram realizadas cinco etapas, sendo a primeira: manejo e preparação da terra e do local, a segunda: a conversa, preparação das crianças para as atividades, a terceira: o primeiro contato com a terra e as plantas, a quarta: o plantio e a quinta: a extensão na sala de aula.

Estas cinco etapas, foram realizadas em cinco semanas. Ocorrendo então, cada etapa em um dia da semana. Todas essas etapas, em todos os momentos eram refletidas na sala de aula e também, na hora do almoço, para aquelas crianças que almoçavam na escola.

Resultados e discussões

Sabemos que as crianças são curiosas e que estas curiosidades vêm agregadas de muitas aprendizagens e conscientização da grande maioria delas. Sendo assim, este projeto teve como objetivo focar a importância da conscientização dos alimentos, juntamente, com o contato com a terra.

A escola por sua vez, possui a importância de mostrar e de transmitir as crianças aprendizagens de duas maneiras: a primeira através da fala, da escrita e a segunda de maneira prática, fazendo com que os alunos vivam as suas aprendizagens.

Pensando na importância de ambas, o trabalho “mãos na terra” proporcionou aos alunos para além das conversas, da aprendizagem através de livros, uma aprendizagem vivenciada o que para alguns autores, as crianças conseguem absorver mais aprendizagem vivenciando.

Segundo Perrenoud (2000) *Educar antes de tudo é mobilizar o aluno para que se torne um aprendiz*, assim, pensando nesta mobilização aos alunos, pensou-se em cinco etapas para o desenvolvimento dessas aprendizagens.

A primeira: Preparação e manejo da terra e do local: Esta etapa foi realizada especificadamente com a Agrônoma na presença da Diretora da Escola, que mostrou o melhor local para a realização das tarefas. Este local foi averiguada as condições do solo, e se tinha condições adequados para o manuseio das crianças e do desenvolvimento das culturas.

Sendo está realizada pela Agrônoma, que verificou as condições do local como, por exemplo, a preparação da terra, verificando as condições necessárias para que os alunos pudessem utilizá-la, verificando se haviam algum resíduo, que pudessem causar algum risco para os alunos, do espaço, se haveria algum risco as crianças para quando fossem manejar a terra e contato com o espaço escolhido, dentro da escola para a realização da atividade, bem como a escolha das melhores culturas para a semeadura, escolhidas de acordo com a época de recomendação de semeadura para o Estado do Rio Grande do Sul, neste caso, nos meses de Abril e Maio, e também do tempo de desenvolvimento da cultura, pois é as culturas escolhidas, se desenvolvem em um curto espaço de tempo, ocasionando uma rápida visualização para as crianças.

A segunda: Conversa preparação das crianças para as atividades. Esta etapa foi realizada através das professoras em sala de aula. Foi desenvolvida primeira, uma conversa com as crianças sobre o que sabiam sobre plantas, sobre o que comemos o que sabemos sobre os alimentos que comemos sua importância.

Esse novo entendimento de aprendizagem e de ensino amplia também as competências do professor. É fundamental que ele tenha a capacidade para compreender, organizar, apresentar e traduzir o assunto ao “grau de maturidade cognitiva do aluno”. É importante também que ele seja capaz de gerar excitação emocional e motivação dos alunos para a aprendizagem. Por fim, é fundamental que o comprometimento com a aprendizagem do aluno seja um traço da sua personalidade (Cf. Ausubel, Novak, Hanesian, 1980, p. 415).

Dessa forma, as professoras já iniciaram o diálogo com os alunos, despertando neles a curiosidade para que as demais etapas pudessem ser realizadas e que a aprendizagem acontecesse, através de links de conhecimentos prévios que os alunos já tinham, realizando então, posteriormente links com o que acontecia durante a prática.

A terceira: o primeiro contato com a terra e as plantas, através de materiais recicláveis: Foi utilizada a casquinha do ovo, como suporte para as mudas de sementes. Assim, a plantação nas casquinhas dos ovos, como forma também de conscientização devido a utilização de materiais orgânicos que puderam ser reaproveitados, para que as crianças pudessem realizar a ponte, entre o que estava acontecendo na escola, levando para dentro da casa de cada um. Tanto a importância do plantar, do cuidado com irrigação e o seu manejo e da alimentação saudável.

Nesta etapa, foram levadas previamente preparadas já para o uso, as casquinhas dos ovos para que as crianças pudesse cuidadosamente colocar as sementes nas casquinhas dos ovos. Cada criança ganhou uma casquinha de ovo para a realização da atividade.

Esta etapa aconteceu com as duas turmas, juntas e com a presença das professoras de cada turma, ocorrendo uma aprendizagem significativa, trocando aprendizagens entre as professoras, a Agrônoma e as crianças. Segundo Tardif (2002) *O modo de agir dos professores se deve à aprendizagem de modos de ação tradicionalmente aceitos e realizados por seus pares na socialização da profissão, em grande parte realizada na própria escola.* Neste caso, os pares foi além do ciclo que existe somente dentro da escola, ele ocorreu juntamente com outras pessoas, o que tornou o ensino-aprendizagem daquelas crianças mais significativas e para os pares, troca de experiência enriquecedora.

Durante o processo de aplicação desta atividade, as crianças eram chamadas atenção para que tivessem cuidado ao colocar as sementinhas nas casquinhas dos ovos, pois aprendizagem da importância do cuidado com o alimento, desde o seu plantio, foi explicado durante todo o processo de aplicação das crianças.

Neste mesmo processo, as conversas entre as crianças eram prazerosas, ao mesmo tempo em que alguns já haviam tido o contato com a terra, conheciam as sementes, pois possuem pais que trabalham com a terra no campo, com agricultura e por tanto, já possuíam um conhecimento prévio sobre o assunto, outras por sua vez, nunca haviam visto uma semente de hortaliças, acontecendo uma troca de aprendizagem mútua entre os alunos.

Ao mesmo tempo em que a Agrônoma conversava sobre o nome de cada semente, o que ela precisava, seja muita água, ou muita luz, ou muito cuidado, as professoras concomitantemente iam transferindo a conversa que em alguns momentos eram muito técnica, para algo que as crianças compreendessem, realizando assim, uma troca de aprendizagem entre as professoras e a Agrônoma.

A quarta: o plantio: Passou-se uma semana após este primeiro contato com a terra, através das casquinhas de ovo. As casquinhas foram expostas em um lugar onde as crianças pudessem olhar e acompanhar o crescimento das sementes, com o intuito de cuidarem e observarem o que acontecia durante este processo de maturação das sementes.

Durante toda esta semana, ia despertando nas crianças a curiosidade de saber o que estava acontecendo com aquelas sementinhas que estavam começando a aparecer as plantinhas no furinho do ovo, foi despertando a curiosidade e assim, ocorrendo em conjunto as conversas e as aprendizagens em sala de aula, com as professoras de cada turma.

Após uma semana, então, a Agrônoma voltou à escola, e após alguns questionários aos alunos, como: O que aconteceu nesta semana? A maioria das

crianças relatou que o ovo estava com cabelinhos. A pergunta seguinte foi um questionamento do por que então as casquinhas de ovos estavam com “cabelinhos”.

Após algumas conversas e sempre com a presença das professoras responsáveis pelas turmas, as crianças foram convidadas a irem até o pátio para transferir o que havia nas casquinhas de ovos, cada criança possuía a sua, para os pneus. Essa transferência ocorreu com uma conversa sobre realizar com todo o cuidado possível, pois ali havia vidas e que se cuidássemos, poderíamos colher as hortaliças para a nossa alimentação na escola. E que tudo o que foi realizado na escola poderia ser feito na casa de cada um, também.

Esta etapa foi fundamental para o processo de troca de experiências entre as professoras e a Agrônoma. Todas passando pelo processo de formação que segundo Garcia (1995), se destaca em três processos de formação, sendo: *autoformação*, *heteroformação* e *interformação*. Este conjunto de processos auxiliou esta relação dos pares, sendo que, a *autoformação*, é a formação onde o indivíduo é o único responsável pelos processos da sua formação. A *heteroformação*, formação baseada nas interferências de fora, seja por pesquisadores, o que os especialistas querem para a formação deste indivíduo. E por fim a *interformação*, são as relações que deveriam ocorrer dentro do ambiente de trabalho como a troca de aprendizagens, compartilhar a relação das formações dentro do ambiente de trabalho. Este último o que descreve o que foi realizado na escola de educação infantil pelas profissionais engajadas nas etapas.

A quinta: a extensão na sala de aula. As professoras, separadamente em cada turma, continuaram a realizar atividades sobre alimentação saudável e como devemos ter cuidado com o nosso alimento.

Assim, um resumo de todos os acontecimentos ocorreu através de leituras deleite, relacionado a alimentos, e até mesmo os contos clássicos, como por exemplo: o João e o pé de feijão bem como suas outras versões como: João e a plantação de arroz. As histórias contadas eram encerradas por uma conversa onde

as crianças poderiam falar sobre suas dúvidas, sobre suas descobertas, relacionando, sempre com o fato ocorrido ou até mesmo com as vivências que já possuíam.

Para uma educação infantil, esta etapa trabalhou com a oralidade das crianças, com a construção das fases de uma fala ou história, contendo início, meio e fim, preparando os alunos assim para a fase da alfabetização, para a turma do maternal, que reconhece algumas letras e que está se encaminhando a novos desafios.

E a turma do pré I, que já realiza algumas escritas, foi realizada para além de desenhos, atividades de iniciação a escrita. Para além, da oralidade, das atividades que envolvem o corpo das crianças.

Dessa forma, durante as cinco etapas ocorreram uma troca de aprendizagens, pois segundo Freire (1997) *quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado*, deixando claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de aluno.

Conclusão:

Os primeiros anos de escolarização das crianças são fundamentais para despertá-lo de novas aprendizagens, quando falamos na educação infantil, este fator aumenta, pois é um momento da escolarização onde as crianças trazem suas curiosidades, sua vontade de aprender e, também é o lugar onde o retorno do aprendizado é imediatamente refletido nas suas famílias.

Independente de algumas crianças terem tido o contato com a terra ou não, a alegria delas ao plantarem, e terem um contato com a terra, em que elas eram as protagonistas daqueles processos, era nítido no rosto de cada criança.

Para além desta parceria de profissões diferentes, neste caso, agricultura e a educação, no momento da aprendizagem, destas específicas etapas, ambos se

uniram e formaram um grande leque de possibilidades para novas descobertas e práticas, tanto das professoras quanto dos alunos.

E neste quesito de aprendizagem, podemos dizer que foi uma grande troca de experiências e descobertas para todos, alunos e professores. O que torna o ensino cada vez mais significativo para quem quer ensinar e aprender, servindo sempre para ambos.

Assim, estas relações entre a prática e a teoria entram as conversas e expressões dentro da sala de aula e a prática colocando as “mãos na terra” foi fundamental e significativo para as crianças que, após um tempo ainda lembram as práticas e que ainda no momento da alimentação na escola.

Referências:

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen.

Psicologia educacional. 2 ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

GARCIA. Carlos Marcelo. **Formação de Professores. Para uma mudança Educativa.** Barcelona. Porto editora, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções a ação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a Prática Educativa.** 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

TARDIF, Maurício. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.